

Série
Temas
volume 30
Estudos filosóficos

Título original: *Minima Moralia*
© Suhrkamp Verlag, 1951

TEXTO
EDITOR
Fernando Paixão
ASSISTENTE EDITORIAL
Mário Vilela
PREPARAÇÃO DE TEXTO
José Roberto Miney
REVISÃO
Marcia Camargo
ARTE
EDIÇÃO DE ARTE (MIOLO)
Milton Takeda
Jorge Okura
PAGINAÇÃO EM VÍDEO
Marco Antonio Fernandes
CAPA
Ettore Bottini

INDICAÇÃO EDITORIAL
Paulo Cesar de Souza

ISBN 85 08 04272 8

1992

Todos os direitos reservados
Editora Ática S.A.
Rua Barão de Iguape, 110 — CEP 01507-900
Tel.: (PABX) (011) 278-9322 — Caixa Postal 8656
End. Telegráfico "Bomlivro" — Fax: (011) 277-4146
São Paulo (SP)

Theodor W. Adorno

MINIMA MORALIA

Reflexões a partir da vida danificada

TRADUÇÃO
Luiz Eduardo Bicca

REVISÃO DA TRADUÇÃO
Guido de Almeida



seus ataques! E Karl Kraus, Kafka, até mesmo Proust, com que prevenção não falsificaram, cada um a seu modo, a imagem do mundo, para acabar com a falsidade e a prevenção? A dialética não pode estancar diante dos conceitos de são e doente, nem de conceitos tão intimamente aparentados com eles, como os de racional e irracional. Tendo reconhecido o universal dominante e suas proporções como doentes — e em sentido literal marcados pela paranóia, pela “projeção pática” —, então tudo aquilo que se apresenta, segundo os critérios da ordem estabelecida, como doente, errado, paranóico e até mesmo como “doido” torna-se para ela apenas um germe da convalescença, e é válido afirmar, hoje como na Idade Média, que somente os bobos dizem a verdade a seus senhores. Desse ponto de vista, o dever do dialético seria auxiliar essa verdade dos bobos a atingir a consciência de sua própria razão, sem o que ela certamente sucumbiria no abismo daquela doença ditada impiedosamente pelo bom senso dos outros.

46 ✧

Para uma moralidade do pensamento. — O ingênuo e o não-ingênuo são conceitos tão profundamente entrelaçados um com o outro, que não pode servir a nada de bom jogar um contra o outro. A defesa da ingenuidade, tal como praticada por irracionistas e antiintelectuais de todas as espécies, é uma coisa indigna. A reflexão que toma o partido da ingenuidade condena a si mesma: astúcia e obscurantismo são sempre a mesma coisa. Afirmar mediatamente a imediatidade, ao invés de compreendê-la como mediada nela mesma, converte o pensar em apologia de seu próprio contrário, em mentira imediata. Ela está a serviço de tudo o que é mau, desde a obstinação da opinião privada de que é assim que as coisas são até a justificação da injustiça social como algo natural. Entretanto, se por isso quiséssemos erigir em princípio o contrário e — como eu mesmo já o fiz — definir a Filosofia como a estrita obrigação da antiingenuidade, não estaríamos melhor servidos. Não somente a antiingenuidade — no sentido de ser experiente, sabido, escaldado — é um meio bastante discutível de conhecimento, ele próprio sempre disposto, por sua afinidade com as dimensões práticas da vida e com toda espécie de reserva mental contra a teoria, a reverter à ingenuidade, a fixar-se em fins. Mesmo quando a antiingenuidade é compreendida no sentido teoricamente responsável de um alargamento, da recusa de permanecer no plano dos fenômenos isolados, pára ainda uma nuvem sobre isso. É precisamente nesse ir além e na incapacidade de demorar-se, nesse reconhecimento tácito do primado do universal em relação ao particular, que consiste não somente a ilusão do idealismo — que hipostasias os conceitos —, mas também sua inumanidade, a qual, mal apreende o particular, já o rebaixa ao plano de uma estação de passagem, confor-

mando-se finalmente depressa demais com o sofrimento e a morte, por amor à conciliação que se processa apenas na reflexão — em última instância, a frieza burguesa, que se compraz demasiadamente em subscrever o inevitável. O conhecimento só é capaz de proporcionar um alargamento se ele adere ao indivíduo com uma tal insistência que seu isolamento se desfaz. Decerto, isso pressupõe também uma relação com o universal, mas não de subsunção, porém uma que seja quase o contrário desta. A mediação dialética não é o recurso a algo mais abstrato, e sim o processo de dissolução do concreto no interior de si mesmo. O próprio Nietzsche, que com freqüência pensava dentro de horizontes amplos demais, tinha consciência disso: “Quem pretende mediar entre dois pensadores resolutos”, escreveu na *Gaia ciência*, “fica marcado pela mediocridade: ele não tem olhos para ver o que é único; ver semelhanças em tudo e tornar tudo igual é sinal de vista fraca”. A moralidade do pensamento consiste em não proceder de maneira teimosa nem soberana, nem cega nem vazia, nem atomística nem coerente. A duplicidade do método, a que a *Fenomenologia* de Hegel deve a reputação de dificuldade abissal que granjeou entre pessoas razoáveis, isto é, a exigência simultânea de deixar falar os fenômenos enquanto tais — a “pura contemplação atenta” [*das “reine Zusehen”*] — e de manter presente a todo momento a relação dos fenômenos com a consciência enquanto sujeito, a reflexão, essa duplicidade exprime aquela moral da maneira mais exata e em toda a profundidade de sua contradição. Mas, como ficou muito mais difícil cumpri-la, já que não se pode mais simular a identidade do sujeito e do objeto, cuja adoção finita ainda permitia a Hegel conciliar as exigências antagônicas da contemplação e da construção. Hoje, o que se exige de um pensador é nada menos que esteja presente, a todo instante, nas coisas e fora das coisas — o gesto do Barão de Münchhausen, que se arranca do pântano puxando-se por seu próprio rabicho, tornou-se o esquema de todo conhecimento que pretende ser mais do que constatação ou projeto. E ainda vêm os filósofos profissionais reprovar-nos de que não teríamos um ponto de partida sólido.

47 ✧

De gustibus est disputandum. — Mesmo quem está convencido da incomparabilidade das obras de arte vê-se continuamente envolvido em debates nos quais as obras de arte — e precisamente aquelas que são do mais alto nível e por isso incomparáveis — são comparadas e avaliadas umas em relação às outras. A objeção que se faz a essas considerações, de caráter peculiarmente compulsivo, é que nelas se trataria de instintos de mercador, que tudo quer medir com a mesma cara, e na maioria das vezes ela tem o sentido de que burgueses bem estabelecidos — para quem a arte nunca pode ser suficientemente irracional